

TRAPO DE VIDA¹

Lima Campos



[25]² Dá a impressão de uma *gouache* de Steinlen a sua figura angulosa, quase óssea...

E quando nas úmidas noites brumosas, de fino chuvilho, a sua esquisita silhueta, em *water-proof* e de velho *canotier* encardido sobre a cabeleira ruiva e seca, foge apressada pelos passeios da Avenida, através da irradiação das lâmpadas a esbaterem a garoa que peneira, lembra à gente uma dessas mulheres contorcidas e esgrouviadas de um cartaz de Cherét, que gritam um amarelo forte de oca e um sangue vivo de zarcão, na policromia escandalosa de um paredão de anúncios.

Dizem que é andeja ao ganho, andorinha infeliz, desplumada de joias, de busca e achado difíceis, porque traz em si a recusa na sua própria felicidade e a inapetência no seu descarnado e no seu desajeito; outros há, porém, que afirmam ser, também, cartomante, a predições d'ínfimo preço, no velório discreto, tresuante [sic] a mofo e roupas suadas, de um terceiro andar lóbrego da rua São José, para os lados, quase ermos à noite, da rua da

¹ CAMPOS, Lima. Trapo de vida. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 889, p. 25, 26 jun. 1919.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Misericórdia, na vizinhança dos pequenos becos e vielas homicidas dos arredores do mercado, onde, em meio de tascas e tolerâncias de faróis vermelhos à porta, que a polícia de contínuo ronda, lampeja, por vezes, palmada por ciúmes baixos de marafonas negras, a navalha maruja, enquanto a boca obscena, aguardentada e rouca, berra, a pontaços de faca ou ao chispar vermelho de canos d'armas, para emudecer, pouco depois, na cama pública das enfermarias, sob o adejo flexuoso das borboletas brancas da caridade e aos ciclos das orações labiadas em murmurio...

Mas, pitonisa das fraldas do Castelo ou Lais perambulante dos paganismos noturnos do largo da Lapa e da rua do Passeio ou, a um tempo, as duas coisas, quer no fundo esconso da sua furna de oráculo desse terceiro andar arruinado e úmido ou, por horas altas, ao ar livre dos asfaltos públicos, pelas regiões da calaçaria e dos bares repletos, ela é bem, na inconsciência ou no desplante da sua impudicícia, uma Dor fantasiada de *clown* – pobre lágrima que ri – à gandaia, à noite, nos cabarés do *basfond*, repulsada até pelos ébrios...

Vi-a, ainda de há dias, a passar, sob o grifo mordaz dos olhares de um grupo, na onda de luz jorrada de um lampadário elétrico, e precipitar, depois, nervosa, os passos, como a fugir à delação prejudicial daquela inconveniência luminosa e para afastar, talvez, o grotesco do seu físico do grotesco moral dos que riam...

Um dos sinos do mosteiro perto, ao alto do morro, borcou, nos braços da trava e alarmou a hora como um dobre... Ela persignou-se, então, num movimento instantâneo, rápido, a olhar, a sorrelfa, para os lados, em expressões de desconfiança e vergonha de que lhe tivessem percebido o

gesto cristão... E já se foi, pela poeira de luz das lâmpadas e pela água-tinta
da sombra, como um polichinelo desgraçado...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

